

A EVOLUÇÃO DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA**THE EVOLUTION OF PORTUGUESE GRAMMAR** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.006-011>**Marcelo Henrique Silva de Santana**
Letras Português-Inglês**RESUMO**

História da Gramática em Língua Portuguesa é o tema central deste trabalho, que analisa a evolução dos processos de gramatização desde as primeiras sistematizações no século XVI até as transformações contemporâneas. O estudo busca compreender como a gramática da língua portuguesa se constituiu historicamente como instrumento metalinguístico e símbolo de identidade cultural, destacando a tensão entre norma e uso, e a influência de movimentos históricos como o Renascimento. Os objetivos principais foram identificar e descrever os instrumentos de gramatização da língua portuguesa, categorizá-los por momento histórico, origem e referencial metodológico, além de traçar a trajetória da gramaticografia lusófona. A metodologia adotada foi qualitativa, de caráter descritivo e analítico, fundamentada em revisão bibliográfica de obras clássicas e contemporâneas, bem como na análise documental de gramáticas históricas, como as de Fernão de Oliveira, João de Barros e Jerônimo Cardoso. Os resultados revelam que a gramática de Fernão de Oliveira, publicada em 1536, constituiu um marco pioneiro, ao valorizar a oralidade, propor uma abordagem descritiva e afirmar a autonomia da língua portuguesa em relação ao latim. Posteriormente, obras como as de João de Barros e Jerônimo Cardoso consolidaram uma tradição normativa, priorizando a padronização e o controle linguístico. O trabalho também evidencia as mudanças e adaptações promovidas por reformas e acordos ortográficos, especialmente os realizados entre os séculos XX e XXI, como o Acordo Ortográfico de 1990. Conclui-se que o processo de gramatização da língua portuguesa reflete não apenas transformações linguísticas, mas também aspectos sociais, políticos e culturais, destacando a importância da gramática como instrumento de identidade e ensino. O estudo reforça a necessidade de uma compreensão crítica da norma linguística, valorizando a diversidade e a dinâmica das práticas comunicativas nas comunidades lusófonas.

Palavras-chave: Língua portuguesa; Gramática; Identidade cultural.

ABSTRACT

The History of Grammar in the Portuguese Language is the central theme of this work, which analyses the evolution of grammaticalization processes from the first systematizations in the 16th century to contemporary transformations. The study seeks to understand how Portuguese grammar was historically constituted as a metalinguistic instrument and a symbol of cultural identity, highlighting the tension between norm and usage, and the influence of historical movements such as the Renaissance. The main objectives were to identify and describe the instruments used to grammatize the Portuguese language, categorize them by historical moment, origin and methodological reference, as well as to trace the trajectory of Lusophone grammatography. The methodology adopted was qualitative, descriptive and analytical, based on a bibliographical review of classic and contemporary works, as well as a documentary analysis of historical grammars, such as those by Fernão de Oliveira, João de Barros and Jerônimo Cardoso. The results show that Fernão de Oliveira's grammar, published in 1536, was a pioneering milestone, as it valued orality, proposed a descriptive approach and affirmed the autonomy of the Portuguese language in relation to Latin. Later, works such as those by João de Barros and Jerônimo Cardoso consolidated a normative tradition, prioritizing standardization and linguistic control. The work also highlights the changes and adaptations



promoted by spelling reforms and agreements, especially those made between the 20th and 21st centuries, such as the 1990 Orthographic Agreement. It concludes that the process of grammaticizing the Portuguese language reflects not only linguistic transformations, but also social, political and cultural aspects, highlighting the importance of grammar as an instrument of identity and teaching. The study reinforces the need for a critical understanding of the linguistic norm, valuing the diversity and dynamics of communicative practices in Portuguese-speaking communities.

Keywords: Portuguese language; Grammar; Cultural identity.



1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema a “História da Gramática em Língua Portuguesa”, com foco na evolução dos processos de gramatização, desde as primeiras tentativas de sistematização da língua até as recentes discussões sobre norma e uso. O estudo parte da compreensão de que a gramática, enquanto instrumento metalinguístico, desempenha papel fundamental na consolidação de uma língua como símbolo de identidade nacional e cultural. Fundamentado em autores como Neves e Coneglian (2020), Teyssier (1987), Cunha e Cintra (2008), Fernandes (2008) e outros, o trabalho estabelece uma linha histórica que evidencia a importância das primeiras gramáticas para a padronização e disseminação da língua portuguesa, com destaque especial para a obra pioneira de Fernão de Oliveira, publicada em 1536.

A principal hipótese que orienta esta pesquisa é a de que o processo de gramatização da língua portuguesa esteve intrinsecamente associado a movimentos históricos, políticos e culturais, como o Renascimento e a afirmação da identidade nacional portuguesa, e que tal processo se desenvolveu mediante a tensão permanente entre norma e uso, entre prescrição e descrição linguística. A justificativa para a realização deste estudo reside na relevância de compreender como se configurou historicamente a gramática da língua portuguesa e de que maneira ela influenciou não apenas a prática linguística, mas também o ensino e a percepção social da língua em países lusófonos.

O objetivo geral deste trabalho é traçar a trajetória histórica da gramaticografia da língua portuguesa, identificando seus principais instrumentos e características. De forma específica, busca-se: (i) identificar os instrumentos de gramatização ao longo da história; (ii) descrever suas características principais; (iii) categorizar esses instrumentos de acordo com o momento histórico. Para tanto, adotou-se uma metodologia qualitativa, de caráter descritivo e analítico, com base em revisão bibliográfica de obras clássicas e contemporâneas que tratam da gramática da língua portuguesa, bem como na análise de documentos históricos, como as gramáticas de Fernão de Oliveira, João de Barros e Jerônimo Cardoso.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, intitulado "A Evolução da Gramática da Língua Portuguesa", apresenta-se uma revisão histórica das principais etapas do processo de gramatização, destacando-se o papel do Renascimento na valorização das línguas vernáculas e o surgimento das primeiras gramáticas nacionais. Neste capítulo, são abordadas as contribuições de Fernão de Oliveira, cuja gramática representou um marco na afirmação da língua portuguesa como instrumento de cultura e identidade nacional, além de promover um rompimento com o modelo clássico latino.

O segundo capítulo, "Língua, Norma e Gramatização", dedica-se à discussão teórica sobre os conceitos de língua e norma, com base nos estudos de Coseriu (1962), Bagno (2014) e Aléong (2011). Neste segmento, analisa-se a gramática não apenas como um conjunto de regras prescritivas, mas como



reflexo das práticas sociais e culturais de uma comunidade linguística. Além disso, discute-se a distinção entre norma normal e norma normativa, bem como a pluralidade normativa que caracteriza as línguas vivas.

O terceiro capítulo, "Contribuições e Influência da Gramática de Fernão de Oliveira para a Formação da Língua Portuguesa no Século XVI", concentra-se na análise detalhada da obra de Fernão de Oliveira, destacando suas inovações no campo da fonética, morfologia e sintaxe. Este capítulo evidencia como a gramática de Oliveira valorizou a oralidade e promoveu a autonomia da língua portuguesa, antecipando discussões contemporâneas sobre variação e mudança linguística. Além disso, são comparadas as abordagens de João de Barros e Jerônimo Cardoso, que consolidaram uma tradição mais normativa e prescritiva da gramaticografia portuguesa.

No quarto capítulo, intitulado "Principais Mudanças e Adaptações à Língua Portuguesa Após a Padronização das Línguas Vernáculas", apresenta-se um panorama das reformas e acordos ortográficos que marcaram a história da língua portuguesa, desde a Reforma Ortográfica de 1911 até o Acordo Ortográfico de 1990. O objetivo é demonstrar como, mesmo após a consolidação das primeiras gramáticas, o processo de normatização da língua continuou em constante evolução, refletindo mudanças sociais, políticas e culturais dos países lusófonos. Por fim, nas considerações finais, são retomados os principais achados do trabalho, reafirmando a importância histórica e cultural do processo de gramatização da língua portuguesa. Destaca-se, ainda, a necessidade de valorizar a diversidade linguística e de refletir criticamente sobre o papel das gramáticas na educação e na sociedade contemporânea.

Este trabalho, ao reunir e analisar diferentes perspectivas sobre a gramática da língua portuguesa, busca contribuir para uma compreensão mais ampla e crítica da relação entre língua, norma e sociedade, oferecendo subsídios relevantes para os estudos linguísticos e para o ensino da língua portuguesa.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 HISTÓRIA DA GRAMÁTICA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Segundo Neves e Coneglian (2020) durante o período do Renascimento, a elaboração de as gramáticas das línguas nacionais começaram a surgir em resposta à necessidade de padronização. Nesse contexto, Oliveira destacou-se ao criar uma gramática que não apenas documentava a língua portuguesa, mas também se preocupava com seu uso cotidiano, distanciando-se de modelos excessivamente influenciados pelo latim.

Segundo Teyssier (1987), o Renascimento não só favoreceu as línguas vernáculas, mas também promoveu uma integração mais natural entre o conhecimento gramatical e a prática linguística dos falantes. Esse movimento refletiu a busca por uma identidade cultural mais conectada à realidade dos usuários da língua, rompendo com a exclusividade do latim como língua de prestígio.

Nesse cenário, a obra de Oliveira tornou-se um marco de transição. Ao transformar a língua

portuguesa em um símbolo de identidade e cultura, sua contribuição transcende a criação de um novo padrão estilístico e linguístico, representando também um esforço para renovar e consolidar o espaço literário e gramatical do idioma (Cunha & Cintra, 2008).

Conforme Fernandes (2008), a primeira gramática da Língua Portuguesa foi elaborada por Fernão de Oliveira, com o objetivo de esclarecer as normas e padrões para o uso do português. O texto aborda aspectos como pontuação, pronúncia e escrita da língua, dividindo-se em capítulos que discutem a fonética do português em comparação com o latim e o castelhano.

Mariguela (n.d.) complementa afirmando que a obra escrita em português reafirma sua autonomia, distinguindo um povo do outro. Na Figura 1, é possível ver a capa da obra, o título e a forma de escrita da época, com letras e símbolos que foram fundamentais para o desenvolvimento da Língua Portuguesa até os dias atuais.

Composta por 50 capítulos, a escrita aborda definições e explora as formas fonéticas, lexicológicas e gramaticais, ressaltando aspectos etimológicos e sintáticos. A obra foi publicada em um momento em que Portugal buscava sua autonomia nacional, e seu objetivo era transmitir o sentido coeso de um idioma que já representava um povo e uma nação (Biblioteca Nacional de Portugal, 2004).

Imagem 1- Primeira Escrita da Língua Portuguesa de Fernão de Oliveira (1536)



Fonte: Grammatica da Linguagem Portuguesa, Torre do Tombo de Portugal (1536/2010)

A obra de Fernão de Oliveira, ilustrada na imagem 1, dispensa uma longa história associada ao latim, evidenciando sua origem única e afirmando sua independência em relação a modelos tradicionais e a outras línguas, como o galego e o castelhano (Silva, 2006).

O texto enfatiza a interpretação e padronização da oralidade, destacando a forma correta de compreender e falar. Ao longo dos capítulos, o autor exemplifica a morfologia dos sons nas letras e junções de sílabas, ressaltando a melodia da fala (Mariguela, n.d.).

Segundo Arkhipov (2020), a obra de Oliveira se distingue por sua abordagem descritiva, em oposição à mera prescrição. Ele priorizava o uso cotidiano da língua, refletindo sobre suas variações e evolução ao longo do tempo. Além disso, foi pioneiro na identificação e categorização do gênero gramatical, sublinhando sua relevância na construção sintática (Mattos & Silva, 2006).

O enfoque descritivo de Oliveira permite uma visão da variação linguística, baseada nas falas registradas na escrita de Portugal do século XVI. Seu objetivo era documentar o português falado no dia a dia, ressaltando como a língua era efetivamente utilizada na época (Teyssier, 1987).

Conforme Cunha e Cintra (2008), esse discurso descritivo reflete a influência do humanismo renascentista, que valorizava a observação empírica e a adaptação da norma abstrata às práticas concretas de comunicação. Sua obra também destaca a importância do gênero gramatical no sistema de concordância, articulando-o à construção das estruturas frasais e ao funcionamento da língua, tanto na oralidade quanto na escrita.

O gênero não apenas regula a relação entre os elementos da oração, mas também reflete aspectos essenciais da organização linguística do português, influenciando a coerência e a clareza do discurso. Com isso, Oliveira contribui para a consolidação do português como um sistema independente, reafirmando seu papel como expressão da identidade cultural e histórica de Portugal (Faraco, 2008).

2.2 LÍNGUA, NORMA E GRAMATIZAÇÃO

A língua possui um caráter social e acompanha o indivíduo em todos os aspectos de sua vida. Desde o nascimento, a pessoa recebe um nome e é imediatamente integrada a uma comunidade de fala, que servirá como base para suas futuras experiências, a formação de laços sociais e afetivos, além de influenciar sua percepção do mundo. Graças à sua capacidade sociocognitiva na aquisição da linguagem, o falante se torna um poliglota de sua própria língua, conseguindo discernir o que é apropriado em cada situação específica (Bagno, 2014).

Essa habilidade está diretamente ligada ao conceito de norma linguística, pois, conforme explica Coseriu (1962), essa norma se configura como.

[...] un sistema de realizaciones obligadas, de imposiciones sociales y culturales, y varía según la comunidad. Dentro de la misma comunidad lingüística nacional y dentro del mismo sistema funcional pueden comprobarse varias normas (lenguaje familiar, lenguaje popular, lengua literaria, lenguaje elevado, lenguaje vulgar, etcétera) (Coseriu, 1962, p. 98)

A norma é, portanto, um conjunto de realizações concretas e coletivas da língua. Ao se expressarem, os indivíduos se orientam e reproduzem normas que foram socialmente estabelecidas, entendidas como um sistema de regras acordadas dentro da sociedade. Assim, o conceito implica uma realização coletiva, fundamentada na tradição e na repetição de modelos anteriores, em detrimento do que é individual para o falante (Coseriu, 1962). Desse modo, a língua não apenas influencia o meio social, mas também é moldada por ele, criando uma relação recíproca (Bagno, 2014).

Aléong (2011) esclarece que não existe uma única norma, mas diversas, dependendo de todas as coerções possíveis:

Nesta concepção de sociedade [heterogênea], as normas sociais ou regras do comportamento são variadas e relativas. Variadas porque os agrupamentos constitutivos da sociedade também são variados, e relativas porque os juízos de valor só têm significação em relação ao grupo ou ao conjunto de referência no qual se situam os indivíduos. (Aléong, 2011, p. 145)

No entanto, o termo "norma" abrange outros significados em nossa sociedade. O mais comum está relacionado ao seu aspecto normativo. Assim, distingue-se a "norma normal" da "norma normativa". A última é definida como um "ideal estabelecido por julgamentos de valor e pela presença de reflexão consciente por parte dos indivíduos envolvidos". Por outro lado, a "norma normal" é entendida "no sentido matemático da frequência real dos comportamentos observados" (Aleong, 2011, p. 257). Dessa forma, o que é considerado "normal" remete ao costume, ao que é habitual e comum em uma comunidade de fala. Já o aspecto normativo está ligado a regras impostas, referindo-se a um sistema ideal de valores que determina o que é aceito na comunidade.

É nesse contexto amplo que se insere a proposta deste trabalho, que busca identificar quais são e como foram desenvolvidas as gramáticas da língua portuguesa ao longo da história. O objetivo é refletir sobre o modelo normativo que a gramaticografia lusófona mais se aproximou ao longo do tempo.

Em outras palavras, este estudo se fundamenta na compilação de gramáticas da língua portuguesa com o intuito de compreender as características gerais que configuram o processo de gramatização dessa língua, destacando seu desenvolvimento ao longo do tempo, a circulação entre países de língua portuguesa, algumas nuances da produção gramatical e sua relação com o ensino. Assim, a discussão aqui proposta ocorre no âmbito do estudo da norma linguística e da interação entre língua e sociedade.

Antes de avançarmos para a análise dos dados, é importante esclarecer que, nos termos de Aurox (2014), o termo "gramatização" refere-se ao processo de descrever e instrumentar uma língua, compondo seu saber metalinguístico, com base em dois pilares: a gramática e o dicionário. Neste trabalho, focamos



nas gramáticas.

Como veremos, a origem dos registros gramaticais e a emergência de normas prescritas para o estudo da língua portuguesa estão na obra de Fernão de Oliveira: *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, publicada em Portugal em 1536. No Brasil, a primeira gramática escrita por um brasileiro foi publicada apenas no início do século XIX, em 1816, pelo autor Ignacio Felizardo Fortes, intitulada *Arte de Grammatica Portuguesa*. Contudo, ao longo dos séculos, a produção desse conteúdo instrutivo se expandiu, adquirindo novos comportamentos e características, conforme discutiremos nos próximos parágrafos.

2.3 CONTRIBUIÇÕES E INFLUÊNCIA DA GRAMÁTICA DE FERNÃO DE OLIVEIRA PARA A FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO SÉCULO XVI

A obra de Fernão de Oliveira, publicada em 1536, constitui um marco fundamental no processo de normatização e descrição da língua portuguesa, oferecendo importantes contribuições para a consolidação da gramática e para o desenvolvimento da normatividade linguística, ao contextualizar aspectos históricos, características e inovações do idioma. O trabalho de Oliveira lançou as bases para as gramáticas que surgiriam posteriormente no mesmo século, como a de João de Barros, publicada em 1540. Sua descrição pioneira do sistema verbal, juntamente com a distinção clara entre a linguagem falada e a escrita, foi essencial para a formação dos padrões normativos do português (Kaltner & Santos, 2023).

João de Barros, ao lançar sua gramática em 1540, inaugurou formalmente a tradição normativa da gramaticografia portuguesa, estabelecendo regras com o objetivo de padronizar a escrita e consolidar o prestígio da língua. Sua obra refletia fortemente a influência do latim como modelo e visava estabelecer uma norma culta, aspecto crucial para a afirmação do português como um idioma de cultura (Teyssier, 1987).

Por outro lado, segundo Cunha e Cintra (2008), Fernão de Oliveira desenvolveu uma perspectiva mais descritiva, procurando equilibrar a norma com a diversidade oral, valorizando a variação linguística presente no uso cotidiano. Sua abordagem, ao considerar o dinamismo da fala, antecipou discussões contemporâneas acerca da relação entre norma e uso, tema ainda central na gramaticografia atual. Assim, a tensão entre a padronização e a variação, já presente no século XVI, continua a orientar os debates sobre a evolução e a função social da língua.

Além da gramática de João de Barros, destacou-se posteriormente a de Jerônimo Cardoso, publicada em 1569. Diferentemente de Oliveira, Cardoso adotou uma postura ainda mais normativa e rígida, reforçando a influência do latim e a necessidade de estabelecer um padrão fixo para o português. Sua obra consolidou a tradição normativa iniciada por Barros e promoveu a visão de que a gramática deveria atuar como um instrumento de controle linguístico, reforçando a necessidade de estabilidade e unidade na



linguagem escrita (Mattos & Silva, 1996).

A gramática de Fernão de Oliveira representa, portanto, um ponto crucial na trajetória da língua portuguesa. Sua abordagem inovadora, que equilibra descrição e normatização, proporcionou avanços significativos na compreensão e no ensino do idioma. O impacto de sua obra ainda reverbera nos estudos sobre a história e a evolução do português (Faraco, 2008).

A comparação com os trabalhos subsequentes de João de Barros e Jerônimo Cardoso evidencia o contraste entre diferentes concepções de gramática no período: enquanto Oliveira buscava integrar norma e uso, Barros e Cardoso priorizavam a padronização e o estabelecimento de regras rígidas. Esse debate teórico permanece central nas discussões linguísticas contemporâneas. Nesse sentido, as principais contribuições de Fernão de Oliveira podem ser destacadas da seguinte maneira:

- a) Registro formal da língua portuguesa: Fernão de Oliveira foi pioneiro ao sistematizar o português, diferenciando-o do latim e estabelecendo normas próprias para o idioma. Sua gramática constituiu uma base estruturada que auxiliou na padronização da língua, representando uma verdadeira revolução no contexto linguístico da época e sublinhando seu caráter inovador (Barroso, 2019).
- b) Valorização da oralidade: Diferentemente das gramáticas tradicionais, a obra de Oliveira deu destaque à língua falada, incorporando aspectos fonéticos e a pronúncia das palavras. Esse enfoque reflete a cultura quinhentista e valoriza a oralidade como elemento essencial para a educação e a transmissão cultural (Mariguela, 2008).
- c) Inovação na análise sintática e morfológica: Oliveira apresentou uma gramática prática e sistemática, tratando de sons, palavras e construções frasais, o que influenciou diretamente estudos posteriores. Sua abordagem inovadora é frequentemente comparada à de Bento Pereira, destacando-se pela contribuição à análise da língua portuguesa (Assunção, 2013).
- d) Defesa da autonomia linguística: Ele enfatizou a riqueza e a independência do português em relação ao latim, defendendo sua legitimidade como língua de cultura e conhecimento. A gramática de Oliveira teve impactos políticos, culturais e sociais importantes no século XVI, fortalecendo a identidade linguística portuguesa (Silva & Kaltner, 2022).
- e) Influência no ensino e na padronização: A obra de Oliveira serviu de referência para gramáticas posteriores, contribuindo significativamente para a padronização do português escrito. Seu caráter revolucionário também se manifesta na forte influência que exerceu no ensino da língua (Barroso, 2019).



Quadro 1- Principais mudanças e adaptações à Língua Portuguesa após a padronização das Línguas Vernáculas

Reforma/Acordo	Ano	Principais Mudanças	Observações
Reforma Ortográfica Portuguesa	1911	Introdução de novas regras ortográficas; eliminação de consoantes mudas em algumas palavras.	Brasil não participou; normas não foram seguidas no país.
Formulário Ortográfico Brasileiro	1943	Tentativa de unificação entre as normas de Portugal e Brasil; algumas consoantes mudas permaneceram.	Não se tornou lei no Brasil; foco na padronização do vocabulário.
Propostas da Academia Brasileira	1907	Projeto de grafia simplificada; ajustes nas normas ortográficas.	Revisões ocorreram após a reforma de 1911.
Alterações de 1973	1973	Extinção do acento circunflexo para homógrafos; Portugal aboliu o trema nos hiatos átonos.	Mudanças buscavam reduzir divergências ortográficas.
Encontro de 1986	1986	Tentativa de acordo ortográfico com países lusófonos; proposta controversa sobre suspensão de acentos.	Não houve consenso devido às propostas consideradas bruscas.
Acordo Ortográfico de 1990	1990	Inclusão das letras K, W e Y no alfabeto; mudanças nas regras de acentuação e uso do hífen; extinção do trema, exceto em nomes próprios estrangeiros.	Validado no Brasil em 2009; estabeleceu um prazo de adaptação às novas regras.

Fonte: Elaboração Própria

As reformas e acordos ortográficos da língua portuguesa revelam um processo dinâmico e complexo, refletindo não apenas a necessidade de unificação, mas também as especificidades culturais e históricas dos países lusófonos. A busca por uma ortografia comum é um esforço que visa facilitar a comunicação e a compreensão entre os falantes, especialmente em um mundo cada vez mais globalizado.

Apesar das boas intenções, as reformas enfrentaram resistência e críticas. A diversidade linguística é um traço distintivo das culturas que falam português, e mudanças abruptas podem ser vistas como uma ameaça à identidade linguística de cada país. Por exemplo, a eliminação de acentos ou a inclusão de novas letras no alfabeto geraram debates acalorados, evidenciando a tensão entre a necessidade de padronização e o respeito às particularidades regionais. (Barroso, 2019).

Além disso, a implementação das novas regras muitas vezes se mostrou desafiadora. Muitos leitores e escritores, acostumados com a ortografia anterior, enfrentaram dificuldades para se adaptar. Essa resistência pode ser atribuída a fatores como a educação, a forma como o idioma é ensinado nas escolas e a influência de mídias e publicações que ainda utilizam normas antigas. (Barroso, 2019).

Por outro lado, as adaptações ortográficas também oferecem uma oportunidade valiosa para a reflexão sobre a língua como um organismo vivo, em constante evolução. As reformas forçam uma reavaliação das práticas linguísticas e incentivam o debate sobre a identidade cultural e a modernização do idioma. Ao final, a aceitação e a adaptação às novas normas não apenas fortalecem a unidade entre os falantes, mas também celebram a riqueza e a diversidade do português, promovendo um diálogo cultural



mais amplo entre as nações que compartilham essa língua. (Barroso, 2019).

Assim, enquanto as reformas ortográficas continuam a provocar debates, elas também nos lembram da importância da língua como um veículo de expressão cultural e identidade, que deve ser respeitado e adaptado ao longo do tempo.

3 CONCLUSÃO

A partir da análise realizada ao longo deste trabalho, conclui-se que a gramática da língua portuguesa se configurou historicamente como um instrumento essencial não apenas para a sistematização do idioma, mas também para a construção de uma identidade cultural e nacional. O processo de gramatização, iniciado no século XVI com a obra pioneira de Fernão de Oliveira, destacou-se pelo equilíbrio entre a descrição do uso cotidiano da língua e a tentativa de estabelecer normas para seu funcionamento. Essa gramática inaugural marcou um momento de afirmação da autonomia do português em relação ao latim, valorizando a oralidade e as práticas linguísticas reais dos falantes.

Posteriormente, a tradição normativa consolidada por gramáticos como João de Barros e Jerônimo Cardoso reforçou a padronização do idioma, transformando a gramática em um instrumento de controle e unificação linguística, essencial para a expansão do português como língua de cultura e administração. As reformas ortográficas e os acordos realizados ao longo dos séculos XX e XXI demonstram que o processo de normatização da língua permanece dinâmico, refletindo transformações políticas, sociais e culturais dos países lusófonos.

Dessa forma, confirma-se a hipótese inicial de que o processo de gramatização da língua portuguesa está profundamente associado a movimentos históricos e culturais, orientado pela tensão permanente entre norma e uso. A gramática, portanto, não deve ser compreendida apenas como um conjunto fixo de regras, mas como um instrumento em constante evolução, que expressa e molda as práticas comunicativas das comunidades lusófonas. Por fim, este estudo reforça a importância de uma visão crítica e reflexiva sobre a norma linguística, valorizando a diversidade e a pluralidade que caracterizam a língua portuguesa em sua dimensão histórica e social.



REFERÊNCIAS

- ARKHIPOV, S. V. Compreendendo a categoria gramatical de gênero em Fernando de Oliveira. *SibScript*, v. 22, n. 2, p. 481-488, 2020.
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo. (2024). 8 séculos de língua portuguesa. Disponível em: <https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/8-seculos-de-lingua-portuguesa/> Acesso em: 28 de Maio de 2025
- BAGNO, M. *Língua, Linguagem e Linguística: pondo os pontos nos ii*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BARROSO, H. De uma revolução no mundo da língua portuguesa: A publicação da Grammatica de Fernão de Oliveira. *Confluência*, p. 176-196, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18364/rc.v1i56.268>. Acesso em: 28 de Maio de 2025
- Biblioteca Nacional de Portugal. (2004). Ficha da obra Gramática. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <https://purl.pt/369/1/ficha-obra-gramatica.html>. Acesso em: 28 de Maio de 2025
- COSERIU, E. Sistema, norma y habla. In: COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. 3. ed. Madrid: Gredos, 1962.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. São Paulo: Lexikon, 2008.
- FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FERNANDES, G. As gramáticas do português de Fernão de Oliveira (1536) e de Bento Pereira (1672). *Confluência*, v. 127, p. 127-141, 2008. Disponível em: <https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/download/1295/1046>. Acesso em: 28 de Maio de 2025
- MARIGUELA, A. D. B. A gramática da linguagem portuguesa de 1536: Fernão de Oliveira, as normas da língua portuguesa e a cultura quinhentista. Disponível em: <https://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S502.pdf>. Acesso em: 28 de Maio de 2025
- MATTOS, R. V.; SILVA, R. *História do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2006.
- NEVES, M. H.; CONEGLIAN, A. V. L. A normatização da língua portuguesa no Renascimento. *Revista de Linguística*, v. 12, n. 1, p. 45-60, 2020.
- SILVA, M. A questão ortográfica na Gramática da Linguagem Portuguesa (1536), de Fernão de Oliveira: uma introdução. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 50, n. 1, p. 139-161, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/139326>. Acesso em: 28 de Maio de 2025
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 19.